

CARTOGRAFIAS DO PENSAMENTO NÔMADE: VAGUEANDO POR DIFERENÇA, FUGA E MULTIPLICIDADE EM DELEUZE E GUATTARI

CARTOGRAPHIES OF NOMADIC THOUGHT: ON DIFFERENCE, LINES OF FLIGHT, AND MULTIPLICITY IN DELEUZE AND GUATTARI

CARTOGRAFÍAS DEL PENSAMIENTO NÓMADA: EXPLORACIONES EN TORNO A LA DIFERENCIA, LA FUGA Y LA MULTIPLICIDAD EN DELEUZE Y GUATTARI

Márcio Moreira Costa¹, Heloísa Helena Siqueira Correia²

DOI: 10.54899/dcs.v22i81.3249

Recibido: 24/08/2025 | Aceptado: 31/08/2025 | Publicación en línea: 10/09/2025.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo abordar alguns dos conceitos centrais do pensamento de Gilles Deleuze, em parceria com Félix Guattari de modo a explicitar a conexão entre eles e as linhas de fuga que os conectam. A proposta metodológica adotada, de caráter cartográfico, conduziu a pesquisa a um percurso pelo pensamento dos filósofos da multiplicidade e da diferença. Ao longo dessa trajetória, foram recolhidos conceitos considerados relevantes, desprovidos de elementos dos sistemas hierárquicos ou de categorizações outras, mas, conforme as experiências vivenciadas no percurso. Nesse fluxo rizomático, exploraram-se diversos textos e fontes, com destaque para as obras *Mil Platôs* (primeiro volume), *O que é Filosofia?*, *Lógica do Sentido e Diferença e Repetição*, além de se valer, em grande intensidade, dos comentários de Regina Schöpke e do vocabulário de François Zourabichvili. Como resultado, obteve-se uma compreensão do “fazer Filosofia”, a partir das metamorfoses geradas nos planos de imanências, segundo a perspectiva deleuziana.

Palavras-chave: Cartografia Filosófica. Multiplicidades. Filosofia da Diferença. Pensamento Nômade.

ABSTRACT

This article aims to examine some of the central concepts in the philosophy of Gilles Deleuze, in collaboration with Félix Guattari, in order to make explicit the connections among them and the lines of flight that traverse their thought. The methodological approach adopted – of a cartographic nature – guided the research through a path shaped by the philosophers of multiplicity and difference. Throughout this trajectory, relevant concepts were gathered, not according to hierarchical systems or conventional categorizations, but rather as they emerged from the lived experiences encountered along the way. Within this rhizomatic flow, a range of

¹ Mestre em Estudos Literários, Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, Rondônia, Brasil. E-mail: marciueu@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3276-9653>

² Doutora em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: heloisahelenah2@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5385-2141>

texts and sources were explored, with particular emphasis on the works *A Thousand Plateaus* (first volume), *What is Philosophy? The Logic of Sense*, and *Difference and Repetition*, alongside extensive engagement with the commentaries of Regina Schöpke and the conceptual vocabulary developed by François Zourabichvili. As a result, the study arrives at an understanding of the practice of philosophy as shaped by the metamorphoses occurring within planes of immanence, according to the Deleuzian perspective.

Keywords: Philosophical Cartography. Multiplicities. Philosophy of Difference. Nomadic Thought.

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo examinar algunos de los conceptos centrales en la filosofía de Gilles Deleuze, en colaboración con Félix Guattari, con el fin de explicitar las conexiones entre ellos y las líneas de fuga que atraviesan su pensamiento. El enfoque metodológico adoptado, de carácter cartográfico, condujo la investigación por un recorrido marcado por los filósofos de la multiplicidad y la diferencia. A lo largo de esta trayectoria, se recopilaban conceptos considerados relevantes, no según sistemas jerárquicos ni categorizaciones convencionales, sino a partir de las experiencias vividas a lo largo del proceso. En este flujo rizomático, se exploraron diversos textos y fuentes, con especial énfasis en las obras *Mil mesetas* (primer volumen), *¿Qué es la filosofía?*, *Lógica del sentido* y *Diferencia y repetición*, además de una intensa interlocución con los comentarios de Regina Schöpke y el vocabulario conceptual desarrollado por François Zourabichvili. Como resultado, se alcanzó una comprensión del “hacer filosofía” a partir de las metamorfosis que se producen en los planos de inmanencia, según la perspectiva deleuziana.

Palabras clave: Cartografía Filosófica. Multiplicidades. Filosofía de la Diferencia. Pensamiento Nómada.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO CARTOGRÁFICA

Há textos que se escrevem a partir de um lugar fixo – partem de um objeto, percorrem métodos rígidos, desenham hipóteses. Este não é um deles. O que traço aqui não é objeto, é mapa. Um mapa que não representa o território, mas o produz no gesto mesmo da escrita. E como todo mapa rizomático, ele começa pelo meio – num ponto de intensidade onde conceitos, afetos e inquietações se encontram.

Este trabalho constitui-se como cartografia filosófica, no sentido que Deleuze e Guattari atribuem ao termo: um modo de pensar que não busca explicar, mas criar conexões, abrir

passagens, deixar-se atravessar pelos fluxos do real. Aqui, não se trata de falar sobre Deleuze, mas de fazer filosofia com ele, num processo de experimentação conceitual que move tanto os conceitos quanto aquele que escreve.

Pode-se dizer que a escrita não é neutra. Ela passa por um corpo – corpo que lê, que se afeta, que se move com os conceitos. É neste plano de imanência que este texto se inscreve, não como descrição, mas como acontecimento. A obra de Regina Schöpke (2012), em especial *Gilles Deleuze: o pensador nômade*, é aqui retomada como força propulsora e como vetor de aproximação conceitual.

Os territórios teóricos que se seguem não são tópicos fechados, mas zonas que se interpenetram: diferença, repetição, desterritorialização, reterritorialização, multiplicidade, mapa, decalque. Conceitos que atravessam o pensamento como linhas de fuga, zonas de vizinhança, devires em movimento. Sigo traçando linhas por entre os conceitos. Não busco defini-los em si, mas abrir espaços para que eles aconteçam. A escrita, então, se dá como cartografia – um mapa em movimento, feito de encontros, desvios e atravessamentos.

NOMADISMO DO PENSAR

Há algo de perigoso no ato de pensar – Deleuze nos alerta³. E é a partir desse alerta que começo a me mover. Não é um pensar seguro, nem confortável, pois, pensar, aqui, desestabiliza; desarranja. O pensamento, quando em movimento real, arrasta consigo a própria figura daquele que pensa. Nesse deslocamento, eu mesmo – enquanto pesquisador, leitor, corpo afetado – deixo de ser aquele que apenas observa ou explica: sou atravessado.

É nesse percurso que compreendo o que Deleuze chama de reversibilidade do pensamento. Um ataque que volta como revide. Um gesto que, ao se lançar ao fora, retorna à sua própria origem. Um clarão, uma dobra, como dizem Deleuze e Guattari⁴. Pensar e ser – não como polos distintos, mas como superfícies dobradas uma sobre a outra.

O texto que aqui se escreve não parte de um ponto fixo. Ele se faz no entre. Pensar como acontecimento. Ser como efeito. Caminho com a sensação de que pensar é sempre colocar-se à

³ Cf.: “[...] o ato de pensar metamorfoseia o ser pensante em algo desprovido da qualidade de pensar. O movimento do pensamento, por sua vez, provoca um retorno sobre si mesmo: um movimento semelhante a ataque e revide... ação e reação” (Deleuze; Guattari, 2013, p. 52).

⁴ Cf.: “[...] uma reversibilidade, uma troca imediata, perpétua, instantânea, um clarão. O movimento infinito é duplo, e não há senão uma dobra de um a outro. É nesse sentido que se diz que pensar e ser são uma só e mesma coisa” (Deleuze; Guattari, 2013, p. 48).

beira de um limite, onde o próprio pensamento se deforma e, nesse movimento, cria. Um pensamento que se quer infinito – não por pretensão de totalidade, mas por insistência no seu devir.

Neste horizonte onde se move o pensamento, emerge o plano de imanência – esse chão sem forma prévia, onde tudo ainda está por vir. Não é o conceito que o define; é ele quem exige o conceito. Deleuze e Guattari dizem que a filosofia se realiza aí: na criação de conceitos e na instauração de um plano⁵. Mas o plano não se cria, ele se encontra, se atravessa, se percorre.

Minha escolha de iniciar pela pergunta “o que é a filosofia?”, ao invés de já traçar o plano, talvez denuncie uma preocupação mais didática, uma tentativa de organizar o fluxo. Mas mesmo essa organização é precária, provisória porque, ao seguir escrevendo, percebo que não há ordem possível quando o que está em jogo é a diferença em ato.

Os autores em questão dizem que esta pergunta – “o que é a filosofia?” – não pertence à juventude. Ela emerge, segundo eles, na maturidade. Mas o que chamam de maturidade não me parece ser apenas uma questão de idade cronológica. Talvez se trate de uma maturidade do pensamento: quando o ruído do cotidiano começa a cessar e há espaço para escutar o que nunca pôde ser dito. É nesse silêncio que algo se revela. Ou se inventa.

Há um momento em que a pergunta retorna. Não por novidade, mas por intensidade. É quando o ruído das demandas cotidianas começa a se dissolver e algo mais fundo emerge. Eu não sei dizer se é uma maturidade no sentido usual – talvez seja um cansaço, talvez um silêncio mais demorado. Deleuze e Guattari sugerem que essa pergunta – o que é a filosofia? – só se instala quando as interpelações menores já não têm mais força. É quando tudo aquilo que antes parecia urgente cede lugar a uma outra urgência: uma urgência sem prazo, que não exige resposta imediata, mas exige presença. E então, simplesmente, chega a hora. Quando me dou conta, já estou nela. A pergunta pulsa e ecoa em mim. E a primeira resposta não vem como definição, mas como imagem: a filosofia é arte. Essa resposta já contém uma dobra. Arte: palavra aberta, carregada de devires, movimentos, impulsos criadores. Penso em Hesíodo, em Heráclito, em Deleuze – nascimento, transformação, criação. E em Nietzsche, com seus deuses que tensionam o mundo: o dionisíaco e o apolíneo. Essa tensão vital atravessa o próprio fazer filosófico⁶: caos e forma, impulso e estrutura, intensidade e contorno.

⁵ Cf.: “A filosofia é ao mesmo tempo criação de conceito e instauração do plano” (*Ibidem*, p. 52).

⁶ Para Nietzsche é somente pela arte que o homem é capaz de vencer o niilismo e encarar a própria finitude e a fragilidade da existência humana (Cf.: Schöpke, 2012, p. 123).

Mas que tipo de arte é a filosofia? É aqui que a pergunta se desdobra, se desvia, se reinventa. Filosofar é criar. E não qualquer criação – é a invenção de conceitos. Esta resposta, dada por Deleuze e Guattari, não encerra nada: ela abre. Ao afirmar que a filosofia é a arte de criar conceitos, não se atinge um ponto de chegada, mas um novo ponto de partida. Pois então: o que é, afinal, um conceito?

Tateio para avançar em direção ao novo espaço que se agencia: o do conceito. O conceito, percebo, não é coisa isolada. Ele vibra em meio a problemas, articula-se com outros conceitos, desenha campos de força. “Uma encruzilhada de problemas”, dizem os autores⁷. Não se cria um conceito no vazio. Ele é atravessado por outros, por tensões, por urgências que o fazem existir. Ele se liga a algo que ainda não tem nome, mas que exige ser pensado.

E assim, vou compreendendo: o conceito é um acontecimento. Uma dobra do pensamento sobre si. Um instante em que linhas de intensidade se cruzam, criando algo que ainda não existia. Não como representação de um objeto, mas como uma imagem-conceito que apreende o devir desse objeto⁸, que capta – por um lampejo – o que se passa.

Nesse movimento, a filosofia não é história, não é disciplina. Ela é criação. Um modo de dizer o indizível, de capturar o que escapa, de eternizar – ainda que por um instante – aquilo que está sempre em fuga. Como diz Schöpke⁹, o conceito é uma conjugação de forças. Uma constelação. Um arranjo intensivo. E aqui sou movido de volta a Nietzsche. Porque criar um conceito é resistir. Resistir à repetição do mesmo, resistir à passividade do pensamento que apenas reproduz. A filosofia construtivista de Deleuze é uma forma de se manter em criação. O conceito, como dizem, “é o contorno de um acontecimento por vir”¹⁰. Ele não é o acontecimento – mas o anuncia, o prepara, o sustenta.

Na cartografia deste texto, sigo sendo afetado por essas ideias. Elas não são apenas referências; são forças que atravessam este corpo que escreve. E, ao serem escritas, talvez comecem a se tornar também conceito. Ou, ao menos, o esboço de um.

No percurso do pensamento, algo começa a se delinear – não como forma pronta, mas como uma espécie de superfície viva. Deleuze e Guattari dizem que o conceito é uma

⁷ Cf.: “Um conceito não exige somente um problema sob o qual remaneja ou substitui conceitos precedentes, mas uma encruzilhada de problemas em que se alia a outros conceitos coexistentes” (Deleuze; Guattari, 2013, p. 26).

⁸ Cf.: “[...] cada conceito será, pois, considerado como o ponto de coincidência, de condensação ou de acumulação de seus próprios componentes” (Deleuze; Guattari, 2013, p. 28).

⁹ Cf.: “Um conceito, portanto, é sempre um composto, uma conjugação de elementos e forças [...]” (Schöpke, 2012, p. 134).

¹⁰ Cf.: Deleuze; Guattari, 2013, p. 42.

heterogênese de movimento finito, ordenado por zonas de vizinhança¹¹. Mas há algo além do conceito, algo que o abriga sem se confundir com ele. Uma espécie de espaço nômade, de suporte não conceitual. Um volume absoluto, onde os cortes do plano desenham ordenadas intensivas – é o plano de imanência¹².

Essa distinção me atravessa: se o conceito é criação da filosofia, então aquilo que o sustenta não pode ser também criação filosófica. A filosofia nasce com o conceito, mas só pode nascer porque já há um plano onde algo pode ser criado. Esse plano, como dizem Deleuze e Guattari, é instaurado – e não criado¹³. É ele que oferece consistência ao pensamento sem jamais fixá-lo. “É como um deserto que os conceitos povoam sem partilhar”, escreve Deleuze¹⁴. E pensar esse deserto como imagem do plano é se dar conta de que não há morada permanente. Há encontros, paradas, partilhas momentâneas – como tribos que se encontram nas fontes, saciam a sede e seguem em movimento. Permanecer seria morrer; o plano exige devir.

Esse deserto é também espaço de velocidade. Para Regina Schöpke, atravessada pelo pensar nômade, Deleuze e Guattari afirmam que o plano comporta todos os devires, e reivindica para si uma condição de Uno-Todo: ilimitado, sem centro, sem hierarquia¹⁵. Como imagem do pensamento, o plano se articula à capacidade do pensamento de escolher para si o movimento infinito – que lhe diz respeito por direito¹⁶.

Mas o plano não organiza o caos – ele o corta; “[...] é como um corte do caos e age como um crivo”, escrevem Deleuze e Guattari¹⁷. Essa imagem me toca profundamente. O caos não é mistura passiva, mas força ativa que caotiza. E o desafio da filosofia, dizem eles, é conquistar consistência sem perder o infinito: “O caos caotiza, e desfaz no infinito toda consistência. O problema da filosofia é de adquirir uma consistência, sem perder o infinito no qual o pensamento mergulha”¹⁸.

O plano de imanência, portanto, não é o território da ordem, mas da travessia. Ele é movimento sustentado, não estabilidade. É o campo onde o pensamento se lança sem se dissolver. E ainda assim, não é um só. Cada pensador traça seu plano. Deleuze mesmo dá exemplos:

¹¹ Cf.: *Ibidem*, p. 28-29.

¹² Cf.: “[...] são os cortes do plano, as ordenadas intensivas destes movimentos infinitos [...]” (*Ibid.*, p. 110).

¹³ Cf.: O plano é como um deserto que os conceitos povoam sem partilhar. São os conceitos mesmo que são as únicas regiões, mas é o plano que é o único suporte dos conceitos” (2013, p. 47).

¹⁴ Cf.: *Ibidem*.

¹⁵ Cf.: Schöpke, 2012, p. 140.

¹⁶ Cf.: Deleuze; Guattari, 2013, p. 47-48.

¹⁷ Cf.: *Ibidem*, p. 53.

¹⁸ Cf.: O caos não é um estado inerte ou estacionário, não é uma mistura ao acaso (*Ibid.*).

Espinosa, Nietzsche, Foucault – cada qual com seu modo de instaurar uma superfície própria¹⁹. O plano não é universal, mas singular, mesmo quando permite comunicações.

Ao acompanhar essa cartografia conceitual, percebo que o plano de imanência é mais que uma imagem do pensamento. É a própria condição de seu acontecimento. E ao escrever isso, suspeito que não estou apenas descrevendo um plano – talvez esteja, eu também, tentando habitá-lo.

HETEROGÊNESES FILOSÓFICAS

Seguir o pensamento nômade é também permitir-se desorientar. Não se trata de explicar ou fixar significados, mas de habitar o entre – esse espaço onde os conceitos se tocam, ressoam, tensionam. Em direção a um aprofundamento no campo filosófico que Deleuze percorre (e que Regina Schöpke acompanha como quem caminha sem mapa, mas com intensidade), traçamos agora uma cartografia feita de noções que não se deixam cercar: diferença (e repetição), desterritorialidade (territorialidade), multiplicidade (singularidade), mapa e decalque.

Esses conceitos, segundo Deleuze, não existem isoladamente – eles se cruzam, se afetam, produzem zonas de vizinhança sem muros²⁰. Não há fronteiras rígidas entre um e outro, mas encontros – trombadas conceituais, como sugere a imagem deleuziana. O pensamento aqui não caminha em linha reta, ele rizoma.

A diferença emerge como uma força que atravessa todos os demais conceitos. Schöpke não apenas a discute, ela a genealogiza, escavando suas camadas, suas intensidades. A diferença, para Deleuze, não é o oposto do mesmo, mas seu desmanche. A modernidade nasce, afirma a autora, da falência da representação: “Para Deleuze, o mundo moderno nasce da falência da representação. É um mundo onde as identidades não passam de simulações no ‘jogo’ mais profundo da diferença e da repetição”²¹. É nesse colapso da identidade como fundamento que a diferença se torna possível. E não uma diferença qualquer, mas aquela que move, que acontece. A tradição filosófica, ancorada na representação, sempre buscou conter a diferença – ou ignorá-la. Deleuze desloca isso: “[...] o mundo moderno é o mundo dos simulacros, das distribuições nômades, o mundo das diferenças”²².

¹⁹ Cf.: 2013, p. 55-73.

²⁰ Cf.: *Ibidem*.

²¹ Cf.: Schöpke, 2012, p. 143.

²² Cf.: *Ibidem*.

Criar o conceito de diferença se torna, então, uma urgência. Deleuze, junto a Guattari, recusa a neutralização aristotélica da diferença, que a transforma em predicado, apagando seu poder de transformação. Faltava algo que a fizesse vibrar. E, para Schöpke, os filósofos nômades, visualizaram que “O diferenciador da diferença é exatamente a ideia de que algo não muda sem deixar de ser outra coisa e não encarnará outro acontecimento sem deixar de ser o mesmo”²³.

Essa formulação não visa um paradoxo, mas uma afirmação do devir: a diferença é o que emerge do fundo, o que irrompe. Ela “[...] está no cerne do próprio ser, como sua manifestação mais profunda”²⁴. O ser, então, só pode ser dito pela diferença. E esse dizer não é múltiplo, é unívoco – uma só voz que não recusa o múltiplo, mas o afirma como força. Schöpke ainda a descreve como “[...] uma voz que diz não à identidade enquanto afirma a diferença e o devir”²⁵. Aqui, a univocidade do ser não é unificação, mas tensão que se afirma na repetição. Não há cópia nem essência, mas acontecimento que insiste. A diferença não é só o que distingue: ela é o próprio modo como o ser se expressa – cada vez, de novo, diferente.

Ao mergulhar nas reflexões de Deleuze sobre a diferença (e repetição), sinto o arrastar da linha reta do eterno retorno²⁶, que não me leva ao mesmo lugar, mas a um labirinto inquietante – um território sem fim que se abre diante de mim. Como descreve Deleuze²⁷, esse retorno não é o circular de Cronos, mas um eterno retorno que pulsa, que desloca o instante entre o já passado e o ainda por vir. Ali, no coração desse movimento, sou atravessado por uma sensação de descontinuidade – não há repouso, só o voo da diferença.

Essa diferença não é uma abstração distante, mas algo que me toca, que me faz reconhecer que o ser se diz sempre de um modo singular, sempre afirmando sua distância e disparidade²⁸. Repetir não é repetir o mesmo, é insistir num gesto que traz o diferente – essa é a experiência ontológica que sinto pulsar em cada página. O “mesmo”, do eterno retorno, afirma Schöpke²⁹, é

²³ Cf.: *Ibid.*, p. 147.

²⁴ Cf.: *Ibid.*, p. 150.

²⁵ Cf.: *Ibid.*, p. 153.

²⁶ Trata-se de conceito apropriado da filosofia de Nietzsche. Deleuze o analisa como um retorno da matéria, dos elementos constituintes, ou seja, o caos. E “todo retorno repete ‘o mesmo’ mundo de diferença, o ‘mesmo’ mundo de simulacros; é a eterna volta daquilo que não tem princípio nem fim; [...] é a eterna volta da diferença pura” (*Ibid.*, p. 126).

²⁷ Cf.: “[...] há sobre a linha reta um eterno retorno como o mais terrível labirinto de que falava Borges, muito diferente do retorno circular ou monocentrado de Cronos: eterno retorno que não é mais o dos indivíduos, das pessoas e dos mundos, mas o dos acontecimentos puros que o instante deslocado sobre a linha não cessa de dividir em já passados e ainda por vir” (Deleuze, 1975, p. 182).

²⁸ Cf.: “[...] o ser ou os seres se dizem sempre da mesma maneira: afirmando a sua diferença ou a sua disparidade com relação aos outros” (Schöpke, 2012, p. 154).

²⁹ Cf.: “O único ‘mesmo’ do eterno retorno é a sua própria repetição. E esse ‘mesmo’ só retorna para trazer o diferente” (*Ibid.*, p. 159).

justamente essa repetição que retorna para nos surpreender com a diferença. É uma voz que ecoa dentro de mim, recusando o conforto da identidade e exigindo que eu me abra para o novo, para o devir. Pensar essa diferença é deixar que ela me atravesse, que eu a intua antes mesmo de tentar defini-la. É um encontro, um acontecimento que se dá no corpo do pensamento, e é aqui que o ser se expressa, se diz³⁰. Sinto essa manifestação como um fluxo, uma onda que não se estabiliza, mas que vai e vem entre a fixidez do território e o impulso de fuga, entre o enraizamento e a desterritorialização.

A multiplicidade, neste movimento, não é apenas um conceito estático, mas uma força que vive, que necessita manter seu poder de se desterritorializar para continuar existindo em movimento. É na experiência dessa fuga – nas linhas de fuga que rasgam a superfície do território – que me percebo navegante e traçador, sempre aberto a novas reterritorializações que nunca encerram o fluxo, mas o reconfiguram³¹. Assim, essa cartografia é também um convite – para que eu e quem lê, juntos, nos deixemos afetar, para que os conceitos não fiquem isolados, mas vibrem no encontro, no risco e no trânsito contínuo entre território, desterritorialização e reterritorialização. Há um gesto que não é apenas teórico – é corporal, inquietante, quase visceral: desterritorializar-se. Dizer isso é sentir na pele o desconforto do deslocamento, o abalo de sair de um espaço que delimitava o familiar, o conhecido, o seguro. Ao me aproximar desse conceito, não posso simplesmente defini-lo – preciso habitá-lo. E ao habitá-lo, já começo a sair.

Portanto, desterritorializar é um mover-se para fora do já dado, um traçar que rasura contornos, que rompe com a estabilidade. O território, como bem observa Zourabichvili³², não é apenas geográfico. Ele é o campo do íntimo, o espaço do hábito, da proteção frente ao caos, “circunscreve, para cada um, o campo do familiar e do vinculante, marca as distâncias em relação a outrem e protege do caos. [...] O traçado territorial distribui um fora e um dentro”³³. E é justamente esse dentro que começa a se desfazer quando linhas de fuga se anunciam. Penso em quantas vezes, na própria escrita, sou forçado a sair do conforto do território teórico e me lançar no incerto – no estrangeiro do conceito que ainda não se fechou. A desterritorialização não é só

³⁰ Cf.: “[...] os seres se dizem de uma só maneira e num único sentido: eles se dizem na *diferença* e na *repetição*. A diferença é um acontecimento do próprio ser, é como ele se expressa, é como ele se diz” (*Ibid.*, p. 193).

³¹ Cf.: “[...] circunscreve, para cada um, o campo do familiar e do vinculante, marca as distâncias em relação a outrem e protege do caos. O investimento íntimo do espaço e do tempo implica essa delimitação, inseparavelmente material [...]. O traçado territorial distribui um fora e um dentro [...]” (Zourabichvili, 2004, p. 23).

³² Cf.: *Ibidem*.

³³ Cf.: *Ibid.*

ideia, é vivência: uma saída que exige coragem, um vetor que aponta para algo ainda informe, mas irresistivelmente possível.

Na entrevista-acontecimento que Deleuze deu a Claire Parnet, em final dos anos 1980, registrada no documentário intitulado *Abecedário*, ele afirma que o território só vale na medida em que impulsiona uma saída. Gosto da palavra que ele usa, mesmo dizendo que a pronuncia mal – *outlandish*. O fora da terra. O estranho. O que me faz sentir deslocado, e por isso, em movimento. Em certa altura da entrevista, Deleuze comenta: “[...] el territorio sólo vale en relación con un movimiento mediante el cual se sale del mismo. [...] no hay territorio sin un vector de salida del territorio, y no hay salida del territorio [...] sin que al mismo tiempo suceda un esfuerzo para reterritorializarse en otro lugar, en otra cosa”³⁴.

Ao pensar esse esforço de fuga, vejo que o próprio ato de escrever este texto é também um vetor de saída – da linguagem técnica, da neutralidade acadêmica, do território da objetividade. O que se escreve aqui é atravessado por afetos, hesitações, desvios. Cada fuga carrega o impulso de se reterritorializar em outra coisa, em outro lugar, em uma outra lógica. A cartografia é, nesse sentido, prática de desterritorialização. E o conceito se move comigo. É nesse fluxo que encontro a multiplicidade – não como soma, mas como intensidade plural, que se espalha sem forma prévia. Deleuze bebe de Bergson, mas transforma: como diz Zourabichvili, ele mantém “[...] um traço notável ao qual imprime um alcance inédito: ‘o que só se divide mudando de natureza’”³⁵. Eis a multiplicidade: o que se divide sem nunca se repetir no mesmo.

Sinto essa força em imagens que se deslocam no texto – o Lobo, por exemplo, que em *Mil Platôs* não é mais indivíduo, mas matilha, instante coletivo, multiplicidade em ato: “[...] o Lobo é a matilha, quer dizer, a multiplicidade apreendida como tal em um instante [...]”³⁶. Esse instante é o acontecimento da multiplicidade. O singular que se desfaz no coletivo, o um que se torna

³⁴ Cf.: “[...] el territorio sólo vale en relación con un movimiento mediante el cual se sale del mismo. Por lo tanto, hay que reunir ambas cosas. Necesito una palabra aparentemente bárbara, y entonces con Félix construimos un concepto que me gusta mucho, y que es el de desterritorialización. [...] Por ejemplo, luego caí en la cuenta de que en Melville se repetía todo el tiempo la palabra *outlandish*, y *outlandish* – yo pronuncio mal – significa exactamente el desterritorializado, palabra por palabra. [...] La noción de nuevas pretensiones es que no hay territorio sin un vector de salida del territorio, y no hay salida del territorio, o sea, desterritorialización, sin que al mismo tiempo suceda un esfuerzo para reterritorializar-se en otro lugar, en otra cosa” (Abecedario, 2025).

Cf.: A tradução sofreu algumas intervenções, de nossa autoria, com a finalidade de harmonizar a legenda do vídeo, em espanhol, com a versão, em português, da entrevista, transcrita integralmente para fins didáticos. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B347KgD-3KhNcGdBemhqS3N0b1U/view?resourcekey=0-MgJ6Y1BbtQuU88mqJyQ30A>. Acesso em 18 de agosto de 2025.

³⁵ Cf.: Zourabichvili 2004, p. 37.

³⁶ Cf.: Deleuze; Guattari, 2011, p. 58.

muitos sem perder a intensidade do instante. Multiplicidade é diferença em variação. É singularidade repetida de forma diferente, a cada vez.

Como Deleuze proclama em *Diferença e repetição*: “Só há variedade de multiplicidade, isto é, a diferença, em vez da enorme oposição do uno e do múltiplo. E talvez seja uma ironia dizer: tudo é multiplicidade, até mesmo o uno, até mesmo o múltiplo”³⁷.

Ao escrever, percebo que também me torno matilha – não porque deixo de ser um, mas porque sou um em variação. Cada conceito que me atravessa me torna outro, e é nesse movimento que a escrita cartográfica acontece: ela não representa o real, mas o cria junto com o pensamento, junto com os afetos que movem quem escreve e quem lê. A cada vez que me aproximo da multiplicidade, sinto que o conceito não me permite um contorno firme. Ele escapa, se abre, se dobra sobre si e se estende em outras direções. E isso não é um defeito: é sua força. A zona de vizinhança da multiplicidade é, por natureza, múltipla – conecta-se com a desterritorialização, com os devires, com os fluxos que atravessam o pensamento. Não é uma questão de identidade. É uma questão de intensidade. Deleuze e Guattari capturam isso com precisão: “Linhas de fuga ou desterritorialização, devir-lobo, devir-inumano, intensidades desterritorializadas – é isto a multiplicidade”³⁸. Essa afirmação não me oferece segurança, mas sim movimento. O pensamento nômade não se contenta com pares binários, com oposições entre o uno e o múltiplo, pois até o uno – mesmo ele – é uma multiplicidade. Não há ponto fixo; há campos de forças. Não se pensa *a partir* de um lugar, mas *entre* lugares – em trânsito, em devir.

Nesse percurso, percebo algo deveras profundamente incômodo: o decalque. Não porque ele seja conceito frágil, mas porque ele quer estancar o fluxo, travar o movimento, fixar o pensamento em forma de cópia. O decalque, ao contrário da multiplicidade, insiste na repetição do mesmo – não como diferença, mas como redundância. Um retorno estéril. Mapa e decalque: dois gestos. Um aberto, rizomático, cheio de desvios. O outro fechado, vertical, significante. À primeira vista podem parecer semelhantes – ambos trabalham com representação, com recortes de um mundo. Mas no plano de imanência deleuzeano, eles se opõem radicalmente. O decalque “já não reproduz senão ele mesmo quando crê reproduzir outra coisa. Por isto ele é tão perigoso. Ele injeta redundâncias e as propaga”³⁹. Aqui, sou forçado a reconhecer em mim mesmo o desejo pelo mapa e o vício do decalque. Quantas vezes escrevo desejando repetir, reforçar, estabelecer

³⁷ Cf.: Deleuze, 2018, p. 246.

³⁸ Cf.: Deleuze; Guattari, 2011, p. 59.

³⁹ Cf.: “[...] o decalque já não reproduz senão ele mesmo quando crê reproduzir outra coisa. Por isto ele é tão perigoso. Ele injeta redundâncias e as propaga. O que o decalque reproduz do mapa ou do rizoma são somente os impasses, os bloqueios, os germes de pivô ou os pontos de estruturação” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 31-32).

sentido? Quantas vezes busco estrutura, árvore, hierarquia – como a árvore sintagmática de Chomsky⁴⁰ – em vez de abrir caminhos e traçar conexões imprevisíveis? O decalque é a fotografia que seleciona, isola, filtra. É o rádio que capta apenas o que já quer ouvir. É a hegemonia do significante: “Ele é antes como uma foto, um rádio que começaria por eleger ou isolar o que ele tem a intenção de reproduzir [...]”⁴¹.

E nesse gesto há sempre um risco: o da paralisia do pensamento. O decalque bloqueia as conexões, interrompe os fluxos, transforma singularidades em raízes. Reproduz modelos. Apaga os desvios. Cria um mundo reconhecível, mas sem potência de criação. Um arauto da mesmice⁴², como sinto ao atravessá-lo. O mapa, por sua vez, me convida a errar – no sentido duplo de desviar e cometer erro. Ele não se fecha sobre si mesmo. Permite rasuras. Pode ser rasgado. Pode até se perder. Mas é nesse perder-se que algo se cria. O mapa acolhe as multiplicidades, é hospedeiro das linhas de fuga, é abertura e variação. Ele não representa – ele faz existir.

Se o decalque impõe formas, o mapa é acontecimento. Se o decalque bloqueia saídas, o mapa as provoca. Ao escrever, desejo que este texto seja mais mapa do que decalque. Que não repita o já dito, mas que se deixe afetar pelas singularidades que encontra. Que trace devires. Que vibre com a multiplicidade do pensamento que não cessa de se reinventar. Não há linha final, só linha de fuga. É nesse movimento que Deleuze se distancia do decalque, aquela imagem congelada, reprodutora do mesmo, para afirmar a potência do mapa – que, como o rizoma, não começa nem termina. Só começa pelo meio.

AINDA MEIO: ENTRE CONEXÕES E DEVIRES

E ainda que o termo “rizoma” não tenha sido tema central nesta cartografia, sua lógica atravessa todo o percurso. A escrita foi traçando seus caminhos sem buscar um ponto de partida fixo, sem desejar um destino final. À maneira do mapa, foi indo e voltando, mas nunca ao mesmo lugar, porque cada retorno se fez outro. Repetição, sim – mas sempre na diferença. A filosofia de Deleuze e Guattari, nesse processo, não foi apenas estudada: foi feita, como quem anda por um território e nele deixa marcas de passagem.

É isso que emerge quando se pergunta: o que é Filosofia? Não como definição, mas como gesto. A resposta acontece enquanto a pergunta é feita. Produzir conceitos não é descrever ideias

⁴⁰ Cf.: *Ibidem*, 2011, p. 22.34.

⁴¹ Cf.: *Ibid.*, p. 31.

⁴² Cf.: *Ibid.*, pp. 29-33.

abstratas, mas criar realidades conceituais, como um artista que não separa a obra do ato de criar. A filosofia, nesse sentido, não se explica – ela se expressa. E, ao se expressar, move-se junto com quem pensa.

A filosofia da diferença traçada por Deleuze e Guattari se coloca como força ativa diante de uma crise de identidade que marca os tempos que nos atravessam – um tempo frequentemente nomeado como pós-moderno. Mas talvez não se trate de uma crise, e sim de uma mutação. O que se desfaz é a velha identidade baseada na representação, no uno e no mesmo. O que se anuncia é uma identidade mutante, tecida por forças múltiplas, por linhas cruzadas entre o político, o social, o psíquico. Uma identidade que não se fixa, mas se torna... Uma identidade em devires.

E nesse emaranhado, onde não se distinguem limites fixos entre pensamento e criação, entre filosofia e arte, cada conceito é também uma manifestação estética, uma dobra sensível do mundo. Filosofar, aqui, é também compor. Como quem traça mapas não para representar o mundo, mas para intervir nele, com e por meio dos afetos, das conexões, dos deslocamentos.

REFERÊNCIAS

ABECEDARIO de Gilles Deleuze – A de animal, El. Direção: Pierre-André Boutang. Produção: Éditions Montparnasse, Paris. Documentário, 22'30". Disponível em: < <https://vimeo.com/439544173> > Acesso em 18.ago.2025.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. 1ª ed. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2018.

_____. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1975.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.

_____. **O que é a filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2013.

PENSADORES, C. **Nietzsche: obras incompletas**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

SCHÖPKE, R. **Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, um pensador nômade**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: IFCH-Unicamp, 2004.